



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 à 20 de Setembro de 2014

SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS PAIXÕES

Dayane Nascimento Sobreira

UEPB

dayanesobreira26@gmail.com

Pois ser mestre é isso: ensinar a felicidade

(Rubem Alves)

Instituição moderna, a escola foi pensada como um órgão de formação capaz de adestrar corpos e trazê-los à luz, ao caminho da Razão como diziam os iluministas. A escola é o espaço do aprender ou o espaço onde isso assume um lugar de legitimidade. A partir de uma leitura foucaultiana, Durval Muniz (2010) cita que apesar de enfrentar crises, ela é a única das instituições modernas que ainda goza de um certo prestígio social. Assim, idealizada para garantir um status de maioridade, surgiu a partir da noção disciplinar de produção de corpos. A própria ideia de formação remete a essa lógica, ou seja, à modelagem, à construção de perfis, almas e mentes. É uma instituição de sequestro, nas palavras de Deleuze, cuja função é padronizar.

Vivemos enfim, um momento de crise da educação. Educar, palavra tão sagrada. O professor está perdendo a centralidade do processo educativo, os setores burocráticos já não cultuam aqueles que fazem o diferente, que transgredem e transgredindo, ensinam, mas adora os obedientes, aqueles que se adaptam à sua lógica. A própria universidade já não forma intelectuais, mas professores obsoletos e tecnicistas.

Nesse ínterim, o ensino mais do que permitir a aquisição de conhecimentos, deve permitir um encontro consigo e com o derredor. Segundo Georges Gusdorf (2003), “sua função é permitir uma tomada de consciência pessoal no ajustamento do indivíduo com o mundo e com os outros” (p. 15). Logo, o ato pedagógico ultrapassa os limites do ensino e põe em causa a existência pessoal no seu conjunto. Mais que conteúdos, teorias, tendências, o ensino deve ter o indivíduo e sua alma como elementos centrais do processo educativo.



Este trabalho é fruto das reflexões realizadas no componente Estágio Supervisionado III, cuja proposta é, em linhas gerais, a de observação de aulas em turmas do Ensino Médio, deslocando nosso olhar para a regência a ser realizada através do Estágio Supervisionado IV. Foi a partir disso que observamos as aulas de História do professor Paulo Barbosa na turma de 1º ano B da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cruz¹. A observação se deu entre os meses de maio e junho de 2014.

Carismático, o professor Paulo se mostrou aberto à minha observação em suas aulas. Logo, não encontrei entraves à realização de meu estágio. Como um antropólogo, mergulhei naquele espaço a fazer minha etnografia. Método desse campo de saber, cuja imersão do pesquisador dentro do contexto investigado dá-se sem nenhuma neutralidade.

Sem dúvidas, minha presença nas aulas alterou todo um ritual cotidiano. Eu, uma estranha, que estava ali no fundo da sala a observar e a julgar (todo olhar não é um julgamento de valor?). Sem dúvidas, fiz uma observação participante que se de início provocou um olhar de estranhamento, depois, recaiu na naturalidade. A turma era composta de 30 alunos em média, distribuídos entre meninos e meninas de forma proporcional e que tinham entre 14 e 17 anos de idade.

Em conversa informal com alguns alunos, eles me afirmaram que o professor Paulo era um dos melhores professores que tinham. Enfatizaram seu compromisso com a turma, seu caráter fraternal, bem como as exigências de atividades e frequência. Essa última observação deixou-me um pouco surpresa, pois pude perceber que apesar de reclamações superficiais, o aluno valoriza o professor que é exigente, que cobra participação e compromisso na feita das atividades, bem como no estudo da matéria. Paulo foi classificado, então, como um bom professor, como um professor que se distinguia dos demais por ter compromisso e realmente elaborar a arte de ensinar. Ele não estava ali para “passar o tempo” mas para se fazer notar, para deslocar o aluno e repassar seus conhecimentos históricos.

¹ Optamos pela identificação fictícia do professor e da escola, visando uma não exposição de ambos.



Nas aulas, as carteiras ficavam quase sempre dispostas em círculo, o que diante da cultura organizacional da escola, já mostrava o caráter inovador do professor de História. Essa disposição especial quebrava com a lógica disciplinar de enfileiramento, própria de instituições como o quartel, como bem discorre Michel Foucault no clássico *Vigiar e Punir*².

Com certeza o status de bom professor passa pela capacidade de se mostrar próximo do aluno do ponto de vista afetivo³. Paulo mostrou sua dimensão afetiva e seus alunos mostraram o quanto ele é querido. Embora alguns ainda se mantivessem um pouco dispersos na aula, grande maioria dos alunos se mostraram muito atentos. Além da atenção, demonstraram enfim, muito respeito.

Afetivo, então, Paulo é um professor inserido na categoria “dos que são lembrados”. Se referindo a seus alunos sempre pelo nome, alargava aqui, sua dimensão afetuosa. Usando as palavras de Cunha (2011, p. 129):

Quando o professor chega perto do aluno, quando o chama pelo próprio nome, há uma interação que faz o aluno se sentir sujeito do ato de aprender. Isto o anima a interferir no conhecimento, ainda mais quando o professor usa palavras de estímulo à sua capacidade de pensamento ou condição de experimentação.

A sala de aula pode ser um lugar por excelência dos afetos e da fraternidade. Seres humanos estão sendo educados e vale dizer que muitas vezes, o professor é tido como exemplo, suas práticas vão ser relidas por seus alunos. O professor que é lembrado, é justamente o mestre, o inspirador de boas ações.

Elencando características de um bom professor, Isabel Cunha diz: “Para os nossos alunos atuais, o bom professor é aquele que domina o conteúdo, escolhe formas adequadas de apresentar a matéria e tem bom relacionamento com o grupo” (Idem, p. 63). Sob minhas percepções, Paulo atendia a todos esses preceitos.

² Cf. FOUCAULT, 2010.

³ Cf. CUNHA, 2011.



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

As aulas de um bom professor não são maçantes e ele explicita os objetivos das aulas e das atividades. Paulo procurou elaborar um conhecimento histórico diversificado com a turma do 1º ano B. Contando com duas aulas semanais, pude acompanhar o trabalho com dois assuntos: Grécia e Roma, iniciando desde as aulas propriamente ditas até à avaliação.

Fechando a discussão sobre Roma, o professor realizou a leitura e a interpretação do seguinte poema:

CARPE DIEM

Colha o dia, confia o mínimo no amanhã.

Não perguntes, saber é proibido, o fim que os deuses darão a mim ou a você,

Leuconoe, com os adivinhos da Babilônia não brinque.

É melhor apenas lidar com o que cruza o seu caminho.

Se muitos invernos Júpiter te dará ou se este é o último, que agora bate nas rochas da praia com as ondas do mar.

Tirreno: seja sábio, beba seu vinho e para o curto prazo reescale suas esperanças.

Mesmo enquanto falamos, o tempo ciumento está fugindo de nós.

Colha o dia, confia o mínimo no amanhã.

Podemos sempre ser melhores. Basta pensarmos melhor.

De autoria de Horácio (65 a.c. – 8 a.c.), demonstrou a preocupação do professor em não trabalhar um conteúdo desprovido de conexão com a vida, ensino valorizado por Nietzsche, um saber com serventia, munido de vitalidade. Além de vida, Paulo Barbosa também traz o diálogo com outros campos, a saber, a Literatura. “Colha o dia, confia o mínimo no amanhã. Podemos ser melhores. Basta pensarmos melhor”, eis a prova de que o ensino de História pode fazer jorrar ondas de subjetividade.

A correção da prova realizada, no final da aula e no meu último dia de estadia lá, foi importante para a percepção de alguns pontos analisados, como o perfil do professor e seu relacionamento com os alunos. Foi uma situação menos formal e de percepção de uma cultura própria daquela turma, da (tentativa de) captação de seus códigos e signos.

O professor herdou pois, “obrigações e prerrogativas de uma espécie de clericalo” (GUSDORF, 2003, p. 03). Ele é aquele que dá forma humana aos valores, sendo aqui já um mestre. Exemplo de maestria com certeza foi



Sócrates. Mestre da ironia – como fala Georges Gusdorf – pedagogo excepcional, que negou toda a pedagogia. Sócrates inaugurou uma nova forma de olhar para a educação, generalizou a a *areté*⁴, esta que pôde a partir dele, ser acessada por qualquer um. Dele extraímos a seguinte lição:

O melhor mestre não é aquele que se impõe, que se afirma como dominador do espaço mental, mas, ao contrário, o que se torna aluno de seu aluno, aquele que se esforça para acordar uma consciência ainda ignorante de si mesma e de guiar seu desenvolvimento no sentido que melhor lhe convém (2003, p. 06).

Assim, Sócrates delineia uma proposta de ensino que se mescla à vida, que valoriza afetações e envergaduras próprias de cada um. O verdadeiro professor é aquele que é mestre do saber e dos valores, que talha seu aluno, fazendo-o caminhar com seus próprios pés. O bom professor é aquele que vai além dos limites de qualquer disciplina. O bom professor é escatológico e tem na sua profissão uma razão de ser⁵. Só uma educação atravessada por paixão será capaz de (de)formar sujeitos, afetando-os e fazendo-os lidar com seus mais longínquos sentimentos e desejos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade. In: PINHEIRO, Áurea da Paz; PELEGRINI, Sandra C. A. (org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1. ed. Teresina: EDUFPI, 2010. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/por_um_ensino_que_de_forme.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2012.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 23. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 38. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê?** Para uma pedagogia da pedagogia. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

⁴ Educação para a virtude, que antes de Sócrates era limitada.

⁵ Cf. Gusdorf, 2003.